



MUNICÍPIO DE ALTO ALEGRE
ESTADO DE SÃO PAULO



PLANO MUNICIPAL DE MATA ATLÂNTICA



Responsável Técnico: Eliane Brandt Ferres
Especialista ambiental

ALTO ALEGRE - SP



MUNICÍPIO DE ALTO ALEGRE

ESTADO DE SÃO PAULO



SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	3
2 HISTÓRIA E FORMAÇÃO DO MUNICÍPIO DE ALTO ALEGRE	3
2 DADOS DO MUNICÍPIO.....	4
2.1.1 Localização geográfica.....	4
2.1.2 Acesso rodoviário	5
2.2 CLIMA.....	6
2.3 GEOLOGIA.....	7
2.4 PEDOLOGIA	10
2.5 GEOMORFOLOGIA	12
2.6 USO DO SOLO	14
2.7 SITUAÇÃO ATUAL DA VEGETAÇÃO.....	19
3 LEGISLAÇÃO AMBIENTAL SOBRE A VEGETAÇÃO NATIVA.....	19
4 INFRAESTRUTURA DE CONSERVAÇÃO/RESTAURAÇÃO FLORESTAL	20
5 ÁREAS PRIORITÁRIAS PARA CONSERVAÇÃO E RECUPERAÇÃO	20
6 CONCLUSÃO	21

1 INTRODUÇÃO

A conservação da biodiversidade é um tema que envolve um longo histórico de discussões. Muito já se afirmou em correntes biocêntricas que a “melhor maneira de conservar a natureza é afastá-la do homem”. Esta é sem dúvida uma das correntes de pensamento que não compreende a dinâmica social de construção das paisagens. Muitas áreas de florestas, restingas e mangues apresentam uma biodiversidade conservada, hoje, em função do uso por determinadas populações, que em sua forma de reprodução social mantiveram a biodiversidade existente. As comunidades não estão dissociadas do que chamamos de natureza e por isso devem ser contempladas em projetos de melhoria de qualidade de vida que conseqüentemente irão reproduzir um ambiente sustentável, onde a biodiversidade pode ser conservada.

O Município de Alto Alegre apresenta importantes áreas preservação permanente, as quais precisam de conservação e recuperação. Estas conservação e recuperação desempenham importante função no processo da biodiversidade, principalmente se abordada sob o ponto de vista das dimensões humanas, ambientais e econômicas, enxergando as formas de organização social, seus potenciais produtivos e relações territoriais.

A elaboração do Plano Municipal de Mata Atlântica do município de Alto Alegre, tem como objetivo contribuir para a conservação da Mata Atlântica a partir da síntese do conhecimento existente sobre as comunidades, o uso do solo e os vetores de transformação da paisagem, a fim de subsidiar o melhor planejamento e gestão ambiental.

2 HISTÓRIA E FORMAÇÃO DO MUNICÍPIO DE ALTO ALEGRE

Historicamente, o Município de Alto Alegre surgiu devido ao fato de que em 1929, moradores do Bairro do Paraguai cultivavam terras na região do atual Bairro Esperancin e Bairro da Cigarra, situados ao extremo sul do município, transitando por meio de precárias estradas existentes em meia ao imenso matagal, onde existiam muitas árvores do tipo Faveiro. Daí, em 1930, um comerciante denominado José Caparroz Peres, resolveu instalar um estabelecimento comercial de secos e molhados, no local de encontro das pessoas que faziam esse trajeto. Era proprietário das terras o Sr. Manoel Gomes da Pena, o qual doou parte de suas terras para José Caparroz. Este, de posse das terras, ergueu um casebre e começou a exploração comercial, onde atualmente se encontra o imóvel de nº 112 da Av. Dr. Acir Alves Leite.

Devido ao sucesso alcançado, outros comerciantes se interessaram pelo local, surgindo então um aglomerado de casas residenciais e comerciais recebendo o nome de Faveiral, devido a grande quantidade de faveiros existentes na região. Com o aparecimento deste povoado, Manoel Gomes da Pena quis ver o progresso e começou a luta pela implantação de uma nova cidade no local. Já em 1934, o patrimônio Faveiral foi elevado a Distrito de Paz, de acordo com o Decreto-Lei nº 6.713, de 29 de Setembro de 1934, passando a chamar-se Alto Alegre. Este nome surgiu devido à grande hospitalidade oferecida pelos seus moradores e a elevada altitude de que desfruta a cidade, constituindo-se uma das mais altas cidades da região Noroeste do Estado. Somente em 1953, a 30 de Dezembro, a população Altoalegrense passou a contar com autonomia, pois tornou-se Município, de acordo com a Lei Estadual nº 2.456. Com o desenvolvimento da região, Alto Alegre possui atualmente três aglomerados urbanos: a sede Alto Alegre e dois Distritos: Jatobá (criado pela Lei Estadual nº 5.285, de 18 de fevereiro de 1959) e São Martinho D'Oeste (Lei Estadual nº 2.456/1953), sendo o primeiro Distrito distante 10 km e o segundo 17 km. A população do Município é de 4.116 habitantes.

Além desses dois Distritos, o Município conta com vários bairros, destacando-se entre eles Santana, Coroados, Matão, Serrinha, São Roque, Paraguai, Capitão Honório, Esperancin, Cigarra, Padre Claro, Dois Bracinhos e Barra Bonita. A data da Fundação do Município é comemorada a 24 de junho, data em que se comemora também, o Santo Padroeiro do Município São João Batista.

O 1º Prefeito foi o médico Dr. Acir Alves Leite (nome da principal Avenida). Com a abertura do Centro de Saúde, ele renunciou para trabalhar em sua área, assumindo o vice-prefeito Lauro Cervigne. O Prefeito seguinte foi Sebastião Silva, seguido de Justino Cervigne. Nelson Jesus Ferlim assumiu o cargo pela 1ª vez em 1967. Licenciou-se por 30 dias, assumindo José Martins Garcia. Foi sucedido por José Borges e foi novamente eleito depois deste, ficando no cargo de 1973 a 1976, sendo substituído por Wandyr Merlo, que lhe devolveu o cargo nas eleições municipais de 1982. Em 1989 foi eleito o advogado e professor Sussumi Ivama, passando na eleição seguinte o cargo para o então seu vice-prefeito, o médico José Maria Trisóglio (1993/1996). Sucedeu-o, com mandato para o período 1997/2000 Adhemar Martins Flores (filho de José Martins Garcia). Em 2001, José Maria Trisóglio foi eleito para cumprir seu segundo mandato, sendo que em março de 2004 foi substituído pela vice-prefeita e sua irmã, a cirurgiã dentista Maria das Graças Trisóglio Bis, que foi reeleita para o mandato 2005/2008. Licenciou-se por três vezes (19/08/2005 a 17/09/2005; 04/01/2008 a 18/01/2008 e 11/04/2008 a 09/07/2008), sendo substituída pelo vice-prefeito Ilson Peres Thomé, que foi eleito para o mandato 2009/2012. Licenciou-se por 60 dias

(24/03/2010 a 22/05/2010), assumindo o vice-prefeito Welington Tomé Vargas. Atualmente, o Município é governado pela advogada Helena Berto Tomazini Sorroche, eleita em 2012 para o mandato no período de 2013 a 2016.

No início do século, Monsenhor Claro Monteiro do Amaral, numa tentativa de contatar e catequizar os índios caingangues, morre flechado às margens do Rio Aguapeí (injustamente apelidado de Rio Feio), no dia 9 de maio de 1901.

De acordo com a literatura disponível, os Coroados viveram na região desde o século XVIII. Formavam um povo guerreiro, tido como “sanguinário e feroz”, apesar de fisicamente apresentarem estatura mediana. Já os Caingangues ocupavam extensa área territorial entre o Rio Tietê em São Paulo e o Rio Ijuí no Rio Grande do Sul. Hoje a população dessa tribo é de aproximadamente

29.000 pessoas, ocupando núcleos regionais em São Paulo e nos três estados do Sul. Há registros de que os Caingangues estão entre os cinco povos indígenas mais populosos do Brasil e de que sua cultura foi desenvolvida “à sombra dos pinheirais”.

Em Calmon, Coroados e Caingangues “viviam em constantes escaramuças com os brancos colonizadores, com grandes perdas para os primeiros. Para apaziguar e catequizar as tribos, foi chamado ao local o grande indigenista da época, Coronel José Cândido Mariano Rondon.

2 DADOS DO MUNICÍPIO

2.1.1 Localização geográfica

Localizado na IX região Administrativa do Estado de São Paulo (Araçatuba), Alto Alegre é um Município pertencente à Comarca de Penápolis e situa-se na região Geográfica de Marília, a 21° 34’ latitude Sul e 50° 10’ longitude WGr, sendo que sua altitude é de 500 metros. A área territorial do Município é de 319,035 Km² e a distância em linha reta da Capital do Estado é 425 Km.



Figura 1: Posição geográfica do Município de Alto Alegre .Fonte: Google Maps (2012).

O território municipal está situado a uma altitude de 428 metros, distando 467 km da capital do Estado e suas coordenadas geográficas são dadas por 21°27'39" de latitude Sul e 49°56'59" de longitude Oeste, com área total de 338,645 km², segundo o IBGE.

2.1.2 Acesso rodoviário

As principais rodovias que servem o município são Raul Forchero Casasco (SP 419), Marechal Rondon (SP 300) e Assis Chateaubriand (SP 425). O clima do município é tropical quente e as precipitações são regulares, registrando variações de 1.000 a 1.500 mm e a temperatura ambiente oscila entre 20° e 30° graus. Os municípios limítrofes a Alto Alegre são: Norte – Penápolis; Sul – Luiziânia; Leste – Promissão e Getulina, Oeste – Braúna. A Figura 2 mostra as rodovias e estradas vicinais que servem ao Município de Alto Alegre.



Figura 2: Posição geográfica de Alto Alegre e vias de acesso.
Fonte: Google Maps (2012)

2. 2 CLIMA

A temperatura do ar em Alto Alegre proporciona um clima ameno durante o ano. A mínima geralmente ocorre no mês de julho, havendo registros de que a temperatura média do ar mais baixa já registrada foi de 12,3°C. Já a mais alta acontece nos meses de fevereiro, chegando a máxima ao valor de 31,6°C. A média anual é 23,4 °C, conforme se extrai da Tabela 1.

Na mesma Tabela 1 é possível visualizar a intensidade de chuvas que apresenta altura pluviométrica média de 1.262,5 mm por ano, oscilando entre um mínimo de 23,6 mm em agosto e o máximo de 219,7 mm em janeiro.

Tabela 1: Temperatra média doprecipitação pluviométrica

MÊS	MÍNIMA MÉDIA (°C)	MÁXIMA MÉDIA (°C)	MÉDIA (°C)	CHUVA (mm)
Janeiro	19,8	31,4	25,6	219,7
Fevereiro	20,0	31,6	25,8	169,8
Março	19,4	31,3	25,4	140,6
Abril	16,8	30,0	23,4	86,2
Mai	14,2	28,1	21,2	60,9
Junho	12,9	27,1	20,0	39,6
Julho	12,3	27,4	19,9	24,9
Agosto	13,9	29,9	21,9	23,6
Setembro	16,0	30,9	23,5	72,3
Outubro	17,6	31,2	24,4	110,1
Novembro	18,3	31,3	24,8	124,6
Dezembro	19,4	31,0	25,2	190,2

2.3 GEOLOGIA

A seguir são apresentados dados das formações geológicas identificadas no município de Alto Alegre por meio de recorte do Mapa Geológico tendo sido o mesmo elaborado a partir do Mapa Geológico do Estado de São Paulo – produzido pelo IPT em 1981.

O mapa geológico do município de Alto Alegre baseado no levantamento geológico do Estado de São Paulo e no mapa geológico da Bacia Hidrográfica do Baixo Tietê (BHBT)

O Quadro 1 contém uma síntese das unidades geológicas presentes no município de Alto Alegre.

PERÍODO (IDADE)	SÍMBOLO / FORMAÇÃO GEOLÓGICA	LITOLOGIAS
MESOZÓICO	KA – FORMAÇÃO ADAMANTINA (UNIDADE AQUÍFERA BAURU)	Arenitos finos a muito finos, com teor de matriz variável, lamitos e siltitos, cores creme e vermelho.
	JKSG - FORMAÇÃO SERRA GERAL (UNIDADE AQUÍFERA SERRA GERAL)	Basaltos toleíticos em derrames tabulares superpostos e arenitos intertrapianos

- Formação Serra Geral

A formação Serra Geral (Jksg) é composta por um conjunto de rochas basálticas toleíticas, dispostas em camadas sub-horizontais, contendo intercalações de arenitos eólicos, entre os derrames (arenitos intertrapianos). Também podem ocorrer intrusões, associadas a mesma atividades vulcânica, principalmente na forma de diques verticais de composição diabásica, cortando portanto os próprios derrames.

Os basaltos são rochas predominantemente duras e compactas, com textura de granulação muito fina, enquanto que os Diabásios muito semelhantes são diferenciados principalmente pela granulação maior; ambas possuem coloração que varia de cinza escura a preta.

Na área da Bacia do Baixo Tietê a formação Serra Geral aflora ao longo de vales Rio Tietê e na confluência dos seus principais afluentes, além da várzea e entorno do Rio Paraná a partir de Jupuíá, no sentido montante, até a divisa da bacia. Nestas áreas relativamente planas os basaltos podem ser identificados pela presença de solos diretamente relacionados à rocha (solos de alteração e residuais) vermelho-escuros e argilosos.

Os derrames sucessivos de basaltos tendem a aumentar de espessura para oeste, atingindo maiores valores na região do Rio Paraná. Perfurações profundas realizadas em Presidente Epitácio e Lins, fora da área estudada, registraram valores de 1.532 m e 375 m, respectivamente. Cada derrame pode ter espessura variável, podendo alcançar espessuras de várias dezenas de metros.

- Formação Adamantina

A formação Adamantina dispõe-se sobre os basaltos da formação Serra Geral. As rochas deste grupo foram originadas em um ambiente de sedimentação reconhecidamente continental flúvio-lacustre, o que lhe confere grande descontinuidade nas suas duas unidades geológicas.

Encontra-se predominantemente nas superfícies elevadas dos interflúvios. O contato superior da formação Santo Anastácio com a base da formação Adamantina se dá predominantemente de forma tracional e interdigitada.

As rochas são constituídas predominantemente por arenitos são em geral brandas, apresentando baixas resistências mecânicas; porém, quando cimentadas esta condição é alterada, passando a ter maiores coerências e resistências. Geralmente são pouco alteradas, destacando-se pela coloração bege ou creme, às vezes amarronzada clara.

Os sedimentos da formação Adamantina compreendem arenitos finos a muito finos que podem conter cimentação e nódulos carbonáticos, além de lentes de siltitos arenosos e argilitos, na forma de bancos maciços. Exibem grande variedade de estruturas sedimentares, caracterizadas pela presença de estratificações plano-paralela e cruzada de pequeno porte. A existência de variações regionais significativas fizeram com que muitos estudiosos dividissem a formação Adamantina em sub-unidades de mapeamento, baseadas em diferenças petrográficas e estruturais.

A formação é a de mais ampla distribuição entre as unidades geológicas encontradas na bacia do Baixo Tietê, sendo encontrada nos níveis mais elevados do relevo, uma vez que foi totalmente removida pela erosão nos baixos vales dos principais rios.

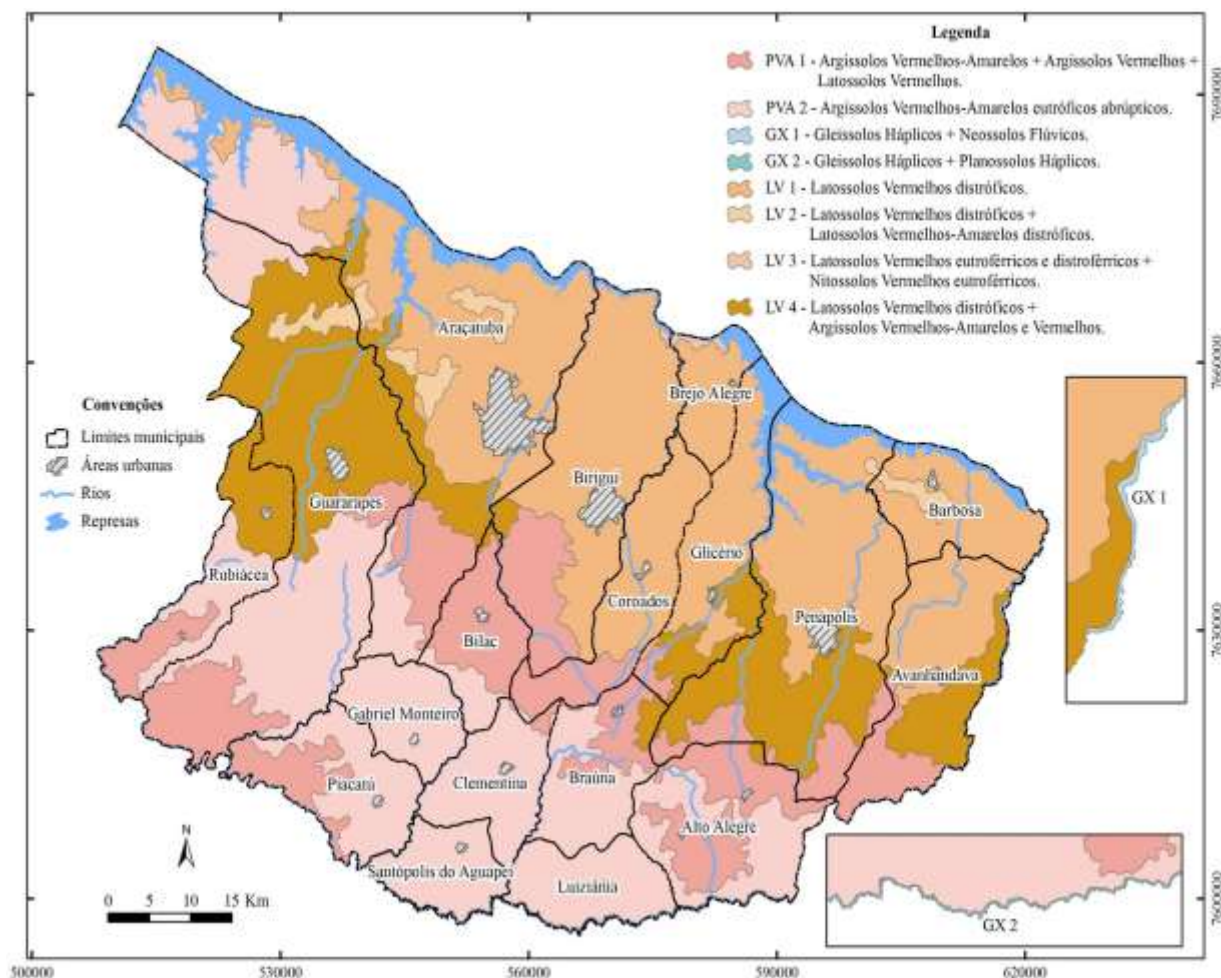
As maiores espessuras são encontradas nos espigões, os quais chegam a alcançar dezenas de metros, adelgaçando-se nas porções mais erodidas e em direção as regiões leste e nordeste da bacia.

2.4 PEDOLOGIA

No município de Alto Alegre as principais classes de solo encontradas a partir de recorte do Mapa Pedológico, da Região Geográfica de Araçatuba:

- PVA 1 – Argissolos Vermelhos – Amarelos + Argissolos Vermelhos + Latossolos Vermelhos
- PVA 2 – Argilossolos vermelhos + Amarelos Eurotróficos Abrupticos

O mapa pedológico do município baseado no levantamento pedológico do Estado de São Paulo.



Possui horizonte mineral subsuperficial com incremento de argila, desde que não exclusivamente por descontinuidade litológica; ou seja o conteúdo de argila do horizonte B textural é sempre superior ao do horizonte A e, pode ou não, ser maior do que o horizonte C. Os solos com horizonte B textural são bem drenados, sem influência de salinização. São solos que geralmente são subdivididos em sub-horizontes e as características morfológicas que mais contribuem para a diferenciação desses sub-horizontes são a estrutura, textura e cerosidade. A transição entres os sub-horizontes é gradual com presença de feições claras ou difusas.

PVA1 Argissolos Vermelhos-Amarelos eutróficos abruptos A moderado textura arenosa/média relevo suave ondulado e ondulado.

Os Argissolos Vermelho-Amarelos (PVA) são solos também desenvolvidos do Grupo Barreiras de rochas cristalinas ou sob influência destas. Apresentam horizonte de acumulação de argila, B textural (Bt), com cores vermelho-amareladas devido à presença da mistura dos óxidos de ferro hematita e goethita. As cores destes solos situam-se principalmente no matiz 5YR com valores de 4 a 6 e croma de 6 a 8; podendo em menor frequência ocorrer cores no matiz 7,5YR com valor 4 e

croma 6, com a presença ou não de mosqueados, constituindo ou não coloração variegada, com ou sem plintita e, muito raramente com a presença de horizonte fragipânico. São solos profundos e muito profundos; bem estruturados e bem drenados; com sequência de horizontes A, Bt; A, BA, Bt; A, E, Bt etc. Há predominância do horizonte superficial A do tipo moderado e proeminente, apresentam principalmente a textura média/argilosa, podendo apresentar em menor frequência a textura média/média e média/muito argilosa. Apresentam também baixa a muito baixa fertilidade natural, com reação fortemente ácida e argilas de atividade baixa.

PVA2 Argissolos Vermelhos-Amarelos eutróficos abruptos ou não A moderado textura arenosa/média e média relevo suave ondulado e ondulado

Os Latossolos Vermelho-Amarelos são identificados em extensas áreas dispersas em todo o território nacional associados aos relevos, plano, suave ondulado ou ondulado. Ocorrem em ambientes bem drenados, sendo muito profundos e uniformes em características de cor, textura e estrutura em profundidade, Os latossolos Vermelho-Amarelos podem ser classificados no terceiro nível categórico do SiBCS como demonstrado no quadro abaixo, onde são relacionadas as características das classes de solo e as implicações para uso e manejo.

2.5 GEOMORFOLOGIA

No município de Alto Alegre os principais tipos de relevo existentes conforme recorte do Mapa Geomorfológico, apresentado foram:

Formas de Relevo e suas principais características.

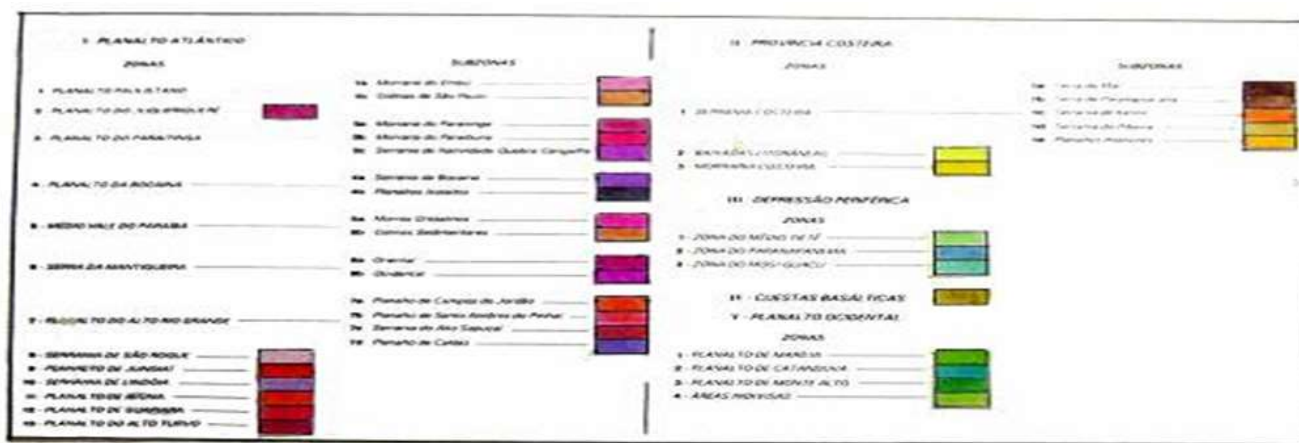
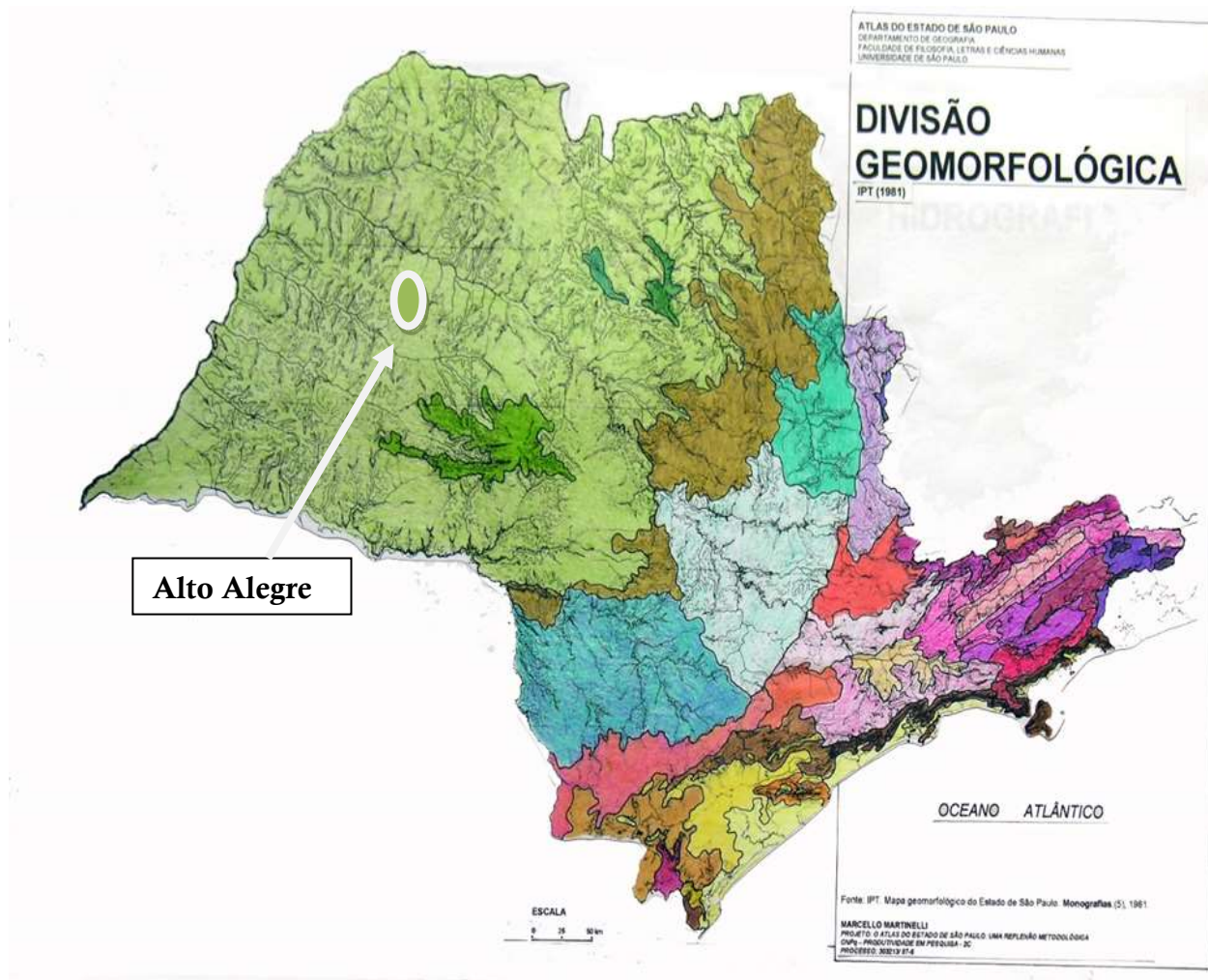
FORMAS DE RELEVO	UNIDADES HOMOGÊNEAS	PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS
2 – Relevo de Degradação ou de desgaste por erosão em Planaltos Dissecados. (Relevo colinoso com predomínio de baixas declividades, até 15% e amplitudes locais inferiores a 100 m)	212 – Colinas Amplas	Predominam interflúvios com área superior a 4 Km ² , topos extensos e aplainados, vertentes com perfis retilíneos a convexos. Drenagem de baixas densidades, padrão subdendrítico, vales abertos, planícies aluviais interiores restritas, presença eventual de lagoas perenes ou intermitentes.
	213 - Colinas Médias	Predominam interflúvios com áreas de 1 a 4 Km ² , topos aplainados, vertentes com perfis convexos à retilíneos. Drenagem de média a baixa densidade, padrão sub-retangular, vales abertos a fechados, planícies aluviais interiores restritas, presença eventual de lagoas perenes ou intermitentes.

Fonte: Mapa Geomorfológico do Estado de São Paulo, IPT/ 1981.

De acordo com Relatório Zero (2000), as Colinas Amplas constituem formas de relevo subniveladas de grandes dimensões (predominam interflúvios com áreas acima de 4 Km²), perfil de vertente retilíneo a convexo e topos aplainados. Destacam-se ainda pela presença de drenagem com padrão subdendrítico, densidade muito baixa, vales erosivos abertos e planícies aluviais interiores estreitas.

Ainda conforme consta do Relatório Zero (2000), as Colinas Médias constituem formas de relevo também subniveladas, com topos aplainados e perfil de vertente retilíneo a convexo, porém, com interflúvios menores (áreas entre 1 e 4 Km²) e densidade de drenagem relativamente maior (média à baixa).

O mapa geomorfológico do município de Alto Alegre baseado no levantamento geomorfológico do Estado de São Paulo.



2.6 USO DO SOLO

De acordo com recorte feito no Mapa de Uso do Solo elaborado para a Bacia Hidrográfica

do Baixo Tietê, apresentado na escala 1:250.0000, o município de Alto Alegre possui as seguintes Categorias de uso dentro de seus limites: cana de açúcar, culturas anuais, mata e mata ciliar

Vale lembrar que o Mapa de Uso do Solo foi elaborado utilizando as seguintes referências:

- Coordenadoria de Assistência Técnica Integral - CATI, através do Levantamento Censitário das Unidades de Produção Agropecuária – LUPA;
- Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais – INPE (2007);
- Companhia Nacional de Abastecimento – CONAB;
- União dos Produtores de Bioenergia – UDOP;
- Secretaria Especial da Pesca e Aquicultura – SEAP;
- Instituto de Pesca de São Paulo;
- Instituto de Economia Agrícola – IEA;
- Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis – IBAMA;
- Instituto Brasileiro de Turismo – EMBRATUR e outros estudos referente ao tema.

A seguir é apresentada breve descrição das categorias de uso e ocupação do solo encontradas no município de Alto Alegre:

- Mata: formação vegetal inteiramente dominada por árvores de estrutura complexa, apresentando grande riqueza de espécies. Normalmente rica em variedades rasteiras, cipós e trepadeiras, sendo denominada de Mata Atlântica e que no interior do Estado adquire características típicas de clima mais seco com perda de folhas, floração e frutificação em períodos bem determinados.

- Vegetação de várzea: formação característica de planícies e vales próximos a inundações periódicas. Formada basicamente por arbustos e arboretos, podendo em certas situações apresentar vegetação arbórea, neste caso, denominadas como Floresta de Várzea.

De acordo com o Relatório de Situação da Bacia Hidrográfica do Baixo Tietê (2002), as formações florestais de mata (floresta subcaducifolia tropical) na região do Baixo Tietê possui estrutura variável e pouco conhecida, tendo sido amplamente devastada, para expansão de atividades agropecuárias.

Segundo dados do DEPRN (1988) apud Relatório de Situação da Bacia Hidrográfica do Baixo Tietê (2000), o município de Alto Alegre, a cobertura nativa no município de Alto Alegre foi assim descrita Quadro 3, já em relação ao ano 2008/2009, a classe da cobertura

O Relatório de Situação da Bacia Hidrográfica do Baixo Tietê (2000) traz também dados quanto à supressão de vegetação (mata ciliar ou de várzea) dentro e fora de área de preservação permanente, conforme apresentado nos quadros a seguir.

Quadro 4 - Supressão de vegetação fora de área de preservação permanente.

Total das áreas objeto dos autos de infração por supressão de vegetação fora de área de preservação permanente (maciço florestal) (ha)								
Município	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997
Alto Alegre	1,53	0	0,91	0	0	0	0	0,09

Fonte: DEPRN/SMA 1998 apud Relatório Zero (2000).

O uso do solo em Alto Alegre contempla ainda a ocorrência de culturas Perenes, descritas como sendo culturas de ciclo longo entre o plantio e a renovação dos talhões, e cultura semi- perene, com predominância de cana-de-açúcar, em forma de monocultura. O município apresenta ainda algumas culturas temporárias, ou seja, culturas de ciclo vegetativo curto, anual, com predominância de milho.

As informações sobre o uso do solo conforme as atividades agropecuárias foram baseadas no Levantamento Censitário das Unidades de Produção Agropecuária – LUPA, realizado pela Coordenadoria de Assistência Técnica Integral – CATI e Instituto de Economia Agrícola (IEA). O quadro a seguir mostra os diferentes usos do solo, conforme estimativa do LUPA-2008, ano base 2007.

Quadro 6 - Estatísticas Agrícolas do Município de Alto Alegre 2007/08

ITEM	UNIDADE	*UPAs	MÍNIMO	MÉDIA	MÁXIMO	TOTAL
Distância à sede do município	km	881	0,1	9,1	25,1	-
Área com cultura perene	hectare	150	0,1	3,1	24,1	464,4
Área com cultura temporária	hectare	569	0,1	27,8	475,3	15.825,4
Área com pastagens	hectare	660	0,2	20,5	665,5	13.510,5
Área com reflorestamento	hectare	101	0,1	1,4	17,1	141,0
Área com vegetação natural	hectare	250	0,1	4,5	242,0	1.133,4
Área com vegetação de brejo e várzea	hectare	112	0,1	2,7	48,4	303,3
Área em descanso	hectare	13	0,3	6,4	19,7	82,9
Área complementar	hectare	634	0,1	0,3	7,0	214,1
Área total	hectare	881	0,6	36,0	719,7	31.675,0

*UPAs: Unidades de Produção Agropecuária

Fonte: Secretaria de Agricultura e Abastecimento, CATI/IEA, Projeto LUPA.

Os diferentes usos quanto às áreas cultivadas estão apresentados no Quadro :

Quadro 7 - Áreas de cultivo no município de Alto Alegre, 2007/08, em hectare.

LEVANTAMENTO CENSITÁRIO DAS UNIDADES DE PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA DO ESTADO DE SÃO PAULO

TABELA 13.5 - Área Cultivada, Município de Alto Alegre, Estado de São Paulo, 2007/08

CULTURA	N. DE UPRAs	(em hectare)			TOTAL
		MÍNIMO	MÉDIA	MÁXIMO	
Cana-de-açúcar	548	0,1	28,2	475,3	15.474,1
Brasqueira	654	0,2	20,8	665,5	13.446,8
Café	120	0,1	2,1	19,4	247,7
Milho	20	0,3	9,5	48,0	190,4
Eucalipto	100	0,1	1,4	17,1	140,0
Banana	24	0,3	6,7	24,1	135,7
Amendoim	4	8,5	28,1	60,5	112,5
Seringueira	6	2,9	10,4	21,7	62,6
Grãos	7	1,0	7,8	24,2	53,5
Capim-napier (ou capim-eléfant)	12	0,3	0,9	2,4	10,2
Abóbora (ou jilum)	3	0,1	3,2	7,2	3,7
Melancia	2	1,2	3,6	6,0	7,2
Tomate caseiro	1	6,0	6,0	6,0	6,0
Laranja	1	4,8	4,8	4,8	4,8
Mamão	2	0,6	2,1	3,6	4,2
Maracujá	4	0,3	1,0	2,4	3,9
Urucum (ou urucu)	1	3,9	3,9	3,9	3,9
Sorgo-vassoura	1	3,3	3,3	3,3	3,3
Coco-da-baba	2	0,8	1,6	2,4	3,2
Quiabo	4	0,1	0,8	1,2	3,1
Batata-doce	2	0,8	1,6	2,4	3,0
Linha	3	0,2	0,9	1,5	2,7
Mandioca	2	0,1	1,3	2,4	2,5
Palmito	1	1,8	1,8	1,8	1,8
Manga	2	0,6	0,9	1,2	1,8
Limão	1	1,2	1,2	1,2	1,2
Pimentão	1	1,0	1,0	1,0	1,0
Tomate ensaiado	1	1,0	1,0	1,0	1,0
Outras florestais	1	1,0	1,0	1,0	1,0
Seringeja	1	0,6	0,6	0,6	0,6

Fonte: Secretaria de Agricultura e Abastecimento, CATI/IEA, Projeto LUPA.

Fonte: Secretaria de Agricultura e Abastecimento, CATI/IEA, Projeto LUPA.

2.7 SITUAÇÃO ATUAL DA VEGETAÇÃO

O Município de Alto Alegre apresenta pequenas parcelas de vegetação natural, encontra-se em áreas de preservação permanente e em pequenos fragmentos isolados (Figura 7). A tabela abaixo mostra o tamanho das áreas de APP' que precisam ser recuperadas e as que já foram recuperadas, quanto rural quanto urbana

Tabela 2 – Área de Preservação Permanente.

	RURAL			URBANA		
	Total	Recuperada	A Recuperar	Total	Recuperada	A Recuperar
TOTAIS (m²)	16.644.106,15	4.851.460,75	11.792.645,40	65.071,03	7.464,07	57.606,95
TOTAIS (ha)	1.664,41	485,15	1.179,26	6,51	0,75	5,76

3 - LEGISLAÇÃO AMBIENTAL SOBRE A VEGETAÇÃO NATIVA

O município possui uma legislação própria, **Lei nº 2.154 de 13 de junho de 2017**, sobre a preservação e restauração da vegetação nativa, porém utilizou como referência o Código Florestal Brasileiro (Lei nº 12.651 de 25 de maio de 2012) para elaborar o Plano Municipal de Mata Atlântica.

4 - INFRAESTRUTURA DE CONSERVAÇÃO/RESTAURAÇÃO FLORESTAL

A Prefeitura Municipal de Alto Alegre, através da Departamento Municipal de Agricultura e Meio Ambiente possui mudas nativas, que se encontram no viveiro do consorcio intermunicipal Ribeirão lajeado, no qual somos membros, dessa forma todas mudas já estão em balaios e prontas para o plantio, são doadas e vão direto para os munícipes que desejam ou precisam fazer o plantio de espécies nativas.

O departamento Municipal de Agricultura e Meio Ambiente tem o compromisso de semestralmente plantar arvores na zona urbana e fornece toda estrutura para o reflorestamento das áreas degradadas na zona rural para a conservação florestal do município.

5 ÁREAS PRIORITÁRIAS PARA CONSERVAÇÃO E RECUPERAÇÃO

Com base em estudos desenvolvidos no município, foram identificadas algumas regiões de grande relevância para a conservação e recuperação da Mata Atlântica, dessa forma ações que serão desenvolvidas por prioridades.

Ação 1	Áreas preservação permanente Urbana.
Grau de Prioridade	Alta, Curto prazo.
Justificativas	Responsabilidade pública e são áreas sujeitas a maior impacto por esta inserida dentro da área urbana.
Metas	Plantar 2000 mudas de espécies nativas da Mata Atlântica da região, no entorno da cidade de Alto Alegre.
Prazos	36 meses.
Atores Envolvidos	Departamento Municipal de Agricultura e Meio Ambiente
Principais Beneficiados	Proteger a nascente, aumentar a cobertura vegetal do município

Ação 2	Áreas preservação permanente Rural
Grau de Prioridade	Alta, Curto prazo.
Justificativas	Áreas de maior importância ecológica para a fauna e flora e recursos hídricos e também é córrego que abastece o município.
Metas	Plantar 7.000 mudas de espécies nativas da Mata Atlântica da região, na margem Córrego padre claro, no rio aguapei e demais córregos e rios do município
Prazos	36 meses.
Atores Envolvidos	Departamento Municipal de Agricultura e Meio Ambiente
Principais Beneficiados	Proteger a nascente, aumentar a cobertura vegetal do município.

Ação 3	Áreas preservação permanente Rural
Grau de Prioridade	Alta, Curto prazo.
Justificativas	Áreas de maior importância ecológica para a fauna e flora e recursos hídricos e também é córrego que abastece o município.
Metas	Plantar 3.700 mudas de espécies nativas da Mata Atlântica da região, na margem Córrego padre claro e córrego coroados
Prazos	36 meses.
Atores Envolvidos	Departamento Municipal de Agricultura e Meio Ambiente
Principais Beneficiados	Proteger a nascente, aumentar a cobertura vegetal do município.

Ação 4	Garantir a conservação da cobertura florestal existente
Grau de Prioridade	Médio, Curto prazo.

Justificativas	Preservar a cobertura vegetal existente
Metas	Elaborar a proposta de uma legislação específica; estimular a adesão ao Cadastro Ambiental Rural - CAR
Prazos	6 meses.
Atores Envolvidos	Departamento Municipal de Agricultura e Meio Ambiente
Principais Beneficiados	Preservar a cobertura vegetal existente.

Ação 5	Monitorar os fragmentos remanescentes do município;
Grau de Prioridade	Alto.
Justificativas	Teremos noções de como está a mata em nosso município.
Metas	Identificar as possíveis degradações e enriquecimentos nos fragmentos prioritários
Prazos	-
Atores Envolvidos	Departamento Municipal de Agricultura e Meio Ambiente
Principais Beneficiados	Noções está melhorando a recuperação de mata

6 CONCLUSÃO

Espera-se que as ações propostas neste Plano Municipal de Mata Atlântica de Alto Alegre – SP, seja discutido e aprovado pelo CONDEMA “Conselho Municipal de Meio Ambiente” para aprovação e futura aplicação com a participação do conselho. Com a aplicação desse plano, o resultado esperado é que nos próximos 20 anos, sejam restaurados um total de cerca de 15 ha de área de mata atlântica e assim, restaurar o equilíbrio ecológico no município. Dessa forma, iremos recuperando todas as áreas do Município.

REFERÊNCIAS

CBH-BT - COMITÊ DA BACIA HIDROGRÁFICA DO BAIXO TIETÊ. **Plano de Bacia de Bacia do Baixo Tietê: Relatório final** Lins: CETEC-Centro Tecnológico da Fundação Paulista de Tecnologia e Educação, 2008.

CBH-BT - COMITÊ DA BACIA HIDROGRÁFICA DO BAIXO TIETÊ. **Relatório de Situação dos Recursos Hídricos da UGRHI 19. Relatório técnico final (“Relatório Zero”)** Lins: CETEC-Centro Tecnológico da Fundação Paulista de Tecnologia e Educação, 2000.

Centro de Pesquisa Meteorológicas e Climáticas Aplicadas a Agricultura da UNICAMP. Informações municipais: Avanhandava. Disponível em:
http://www.cpa.unicamp.br/outras-informacoes/clima_muni_051.html.
Acessado: 15/06/2009.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Secretaria de Planejamento da Presidência da República. Carta do Brasil – Quadrícula de Penápolis - Folha SF-22-J-II-4. Rio de Janeiro. Escala 1:50.000. Disponível em:
<ftp://geoftp.ibge.gov.br/mapas/topograficos/topo50/tif>. Acessado em 08/06/09.

IPT (Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo); Divisão de Geologia Aplicada. Mapa Geomorfológico do Estado de São Paulo. Volumes I e II. São Paulo, 1981.